

Indiazinha posa para foto na porta da casa de rezas da aldeia

Aldeia reúne os poucos índios que restam na região

DA ENVIADA ESPECIAL

Ubatuba é irônica. O nome da cidade em tupi significa sítio rico em ubás, uma espécie de canoa usada pelos índios. As ruas do centro fazem referência a povos como os xavantes, os guaicururus e os tupinambás. O local acolhe praias com nomes de origem indígena —Itamambuca, Iperoig, Itaguá— e, antes do Descobrimento, era dominado por índios tupinambás. Mas hoje Ubatuba abriga apenas 140 silvícolas.

Eles pertencem à tribo dos guaranis e lá chegaram vindos do Paraguai e da Argentina no século 19. Hoje moram no bairro Prumirim, a 2,5 km da Rio-Santos, 19 km ao norte do centro, e são de certa forma descolados.

Usam tênis, já lançaram um CD (com cantos infantis de quatro tribos guaranis), jogam futebol e compram a tinta para colorir o artesanato em vez de produzi-la como antigamente.

Apesar das modernidades, os habitantes da aldeia conservam

suas raízes e tradições, principalmente a língua e a religião, e se acanham ao ver o homem branco.

Para chegar à aldeia é preciso seguir por uma trilha. O primeiro sobressalto é o encontro com uma indiazinha de mais ou menos 15 anos no início do percurso de 800 metros que leva a Tekoa Nãbdeva'e —nome na língua indígena para a aldeia da Boa Vista. Trajando uma camiseta branca e uma saia cobrindo os joelhos, a indiazinha abaixa os olhos no momento em que avista os estranhos.

O segundo é se deparar com uma ponte de madeira, com cerca de dez metros de comprimento. Ao cruzá-la, tem-se a sensação de que as fotos de aldeias indígenas dos primeiros livros de história do Brasil estão vivas.

Comunidade

Passada a ponte, observa-se um casebre de taipa, um campo de futebol e, ao fundo, o centro da aldeia —onde fica a casa da reza, local em que os silvícolas celebram seus cultos e praticam rituais reli-

giosos, através de danças e cantos.

As mulheres fazem artesanato indígena, chocalhos, leques e arcos, entre outros apetrechos, que são vendidos pelos homens na estrada aos domingos. Os preços são módicos em proporção ao tempo que as índias levam para fazer um adereço.

“Leva dois dias para ficar pronto”, explica uma das poucas mulheres que falam o português, enquanto vai trançando o leque. O trabalho de paciência arrecada R\$ 5. Comendo uma mandioca assada, o paraguaio Karaí, 32, um tipo de bedel das crianças, diz que esse valor mal paga a tinta.

Alguns guaranis da aldeia nasceram em Ubatuba, outros vieram do sul do país e do Paraguai. “Não existe fronteira para os guaranis”, afirma Marilena Cabral, da Fundart (Fundação de Arte e Cultura de Ubatuba).

Visitas para comprar artesanatos devem ser marcadas previamente na Fundart. A procura maior é de estrangeiros e de escolas. Marilena avisa que os guara-

nis são “extremamente tímidos” e recomenda não “invadir” demais seu espaço, não pedindo para entrar nas casas ou tirar fotos.

Teoricamente, para conhecer a aldeia é preciso seguir regras estabelecidas pela Funai, como apresentar pedido formal e ter certificado de vacinação. O turismo em terras indígenas é proibido, e a legislação procura garantir a privacidade dos índios. “Há um nível de responsabilidade com os povos indígenas”, diz o técnico indigenista e biólogo Júlio César de Moraes, há 17 anos na Funai.

Na prática, porém, os índios querem vender o artesanato e eles próprios chamam o visitante para conhecer o povoado.

Já existe um projeto de desenvolvimento, sob a coordenação de uma ONG de São Paulo, para a criação de um espaço fixo para a venda de artesanato desses índios e para a construção de um museu guarani. (MM)

Informações - Fundart: 0/xx/12/3833-5280 e 0/xx/12/9766-6413

INSTITUTO	
SOCIOAMBIENTAL	
FSA (Turismo)	
Fonte	
Data	8/10/2001 Pg. 2
Class.	1591
Documentação	

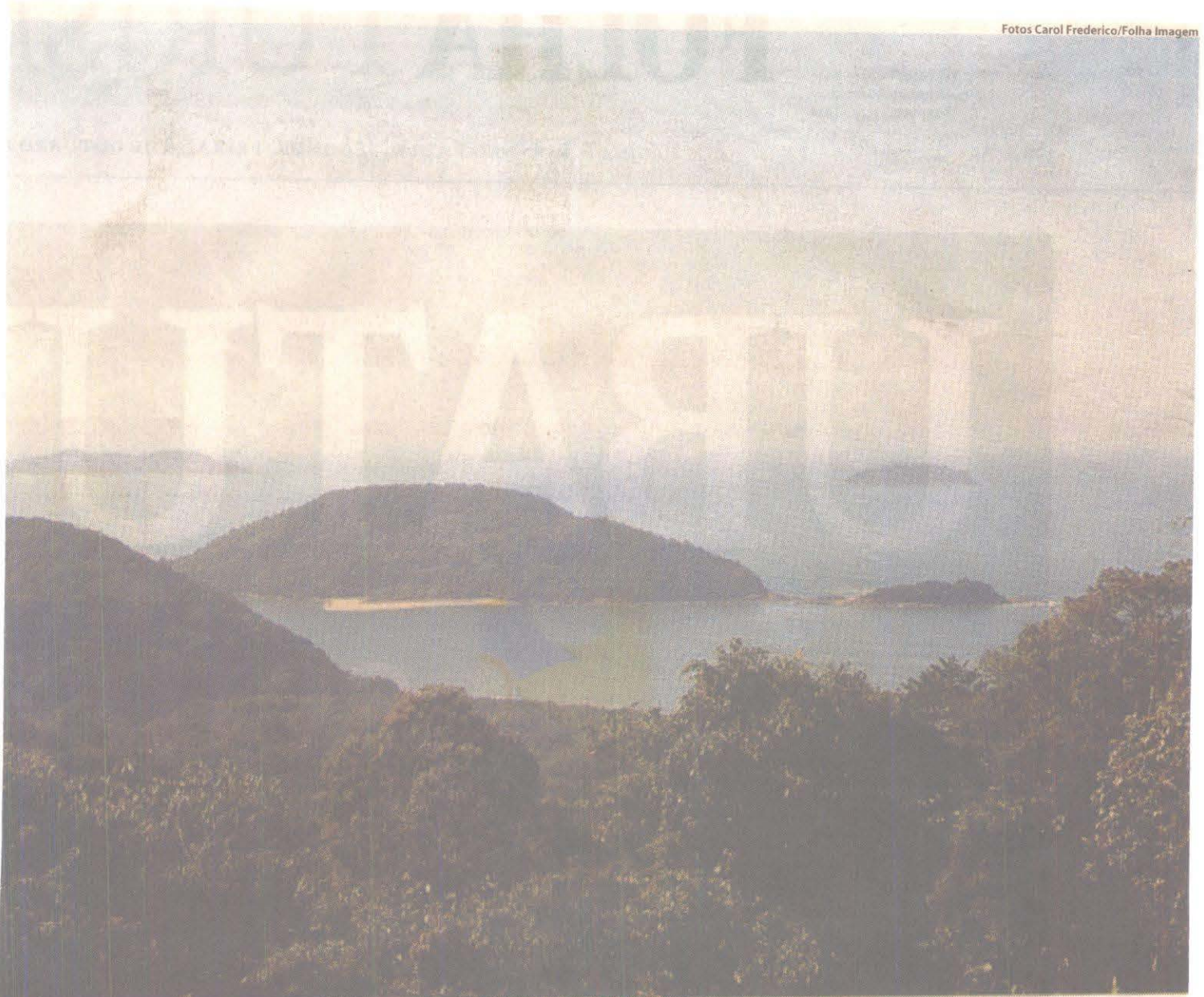
Acervo
ISA

Documentação

Fonte fsl (Turismo)

Data 8/10/2001 Pg f2

Class. 1541 (com +)



Fotos Carol Frederico/Folha Imagem

Oceano visto do alto da aldeia indígena da Boa Vista, em Prumirim, habitada por guaranis vindos do sul do país e do Paraguai



Crianças aparecem à janela em casa na aldeia da Boa Vista, que abriga uma comunidade indígena